

DA MÚSICA

por

Eduardo Lourenço*

Resumo: só a Música é uma expressão que não exprime nada, mas que tem a função angélica de ser o único bálsamo que os homens inventaram para ouvir a voz de Deus e que mesmo o coro dos anjos não inventou.

Palavras-chave: Música; expressão; Deus.

Abstract: Music alone is an expression which expresses nothing, but which has the angelic function of being the only soothing balm Man invented to hear the voice of God, which not even the choir of angels invented.

Keywords: Music; expression; God.

A que título, um autêntico surdo, em matéria de música, caíu na tentação de escrever um texto, mesmo breve, a propósito da Música? A nenhum, salvo ao de ter a música, desde a chamada “grande” até à que despertava em Pessoa nostalgias informes, como a mais incompreensível das expressões humanas e ao mesmo tempo a mais sublime de todas, como mística em estado puro. Falar da música e do seu duplo milagre para quem nem é criador dela nem seu exegeta autorizado pela longa familiaridade com ela, é mais do que diletantismo sem desculpa, uma mera impossibilidade. Da música posso falar como receptor passivo dela, embora de uma paradoxal passividade pois o seu efeito é o de uma comoção ou emoção a nenhuma outra comparável, por não ter conteúdo algum que possa ser precisado, e ser, ao mesmo tempo, uma espécie de viagem sem outro viajante que nós mesmos perdidos num espaço que não é nenhum espaço conhecido e o contém virtualmente a todos. Na verdade, o conteúdo desse passeio que nos fabrica paisagens que não existem e nem a mais fantástica pintura pode alcançar, mesmo se o seu criador se chama Klee

* Ensaísta.

ou Bonnard, não somos nós mesmos como viajantes de espaços mesmo virtuais, mas nós como “tempo” navegando pelo milagre sensível da música no inavegável rio de nós mesmos. Não apenas na temporalidade que nos constitui mas naquela que nós fabricamos ardendo no tempo que nos destrói e nos inventa. Que os criadores possam “falar” dessa autêntica trama de sons onde a nossa temporalidade cruza e descruza os fios do tempo que a tecem e destecem, confundindo numa só vivência o sentimento da nossa fragilidade ontológica (na verdade, o puro nada que somos) e a nossa eternidade que a redime, talvez seja possível para eles. É um milagre tão grande como a da própria invenção desses lagos, desses rios, desses mares de transparências opacas e opacidades transparentes que nós chamamos Bach, Mozart, Beethoven ou Richard Strauss, mas para quem não sabe “lê-las”, pelo menos como até certo ponto o pode fazer com o mais obscuro poema, Góngora ou Mallarmé, essa pretensão está excluída. Quando muito vivemo-la como uma espécie de dolorosa enfermidade e êxtase precário.

Talvez fosse melhor ser “cego para os valores” como dizia Max Scheller e resignarmo-nos a nada entender de música, como se diz que era o caso de Victor Hugo, para quem a música era apenas um “barulho” ou um “ruído” desagradável. Por motivos de ordem ética ou religiosa, Leão Tolstói considerava uma parte da música do seu tempo (que era o de Wagner e Brahms) como deletéria ou demoníaca. E Nietzsche chegava ao ponto de considerar, por outra ordem de motivos, a música do seu ex-ídolo Wagner, como insuportável no sentido fisiológico do termo. Como é possível que o mesmo tipo de criação possa suscitar na sua incurável ambiguidade, ou virtual “inteligibilidade”, efeitos tão opostos?

O caso da música não pode comparar-se a nenhum outro. Tudo se passa como se nas plurais manifestações que celebramos, como Arte, o seu lugar e o seu papel não se pudessem confundir nem equiparar com nenhuma outra. Só ela, em sentido preciso, é uma “expressão” que não exprime nada sem que possamos reduzi-la a um “nada de expressão” ou, pejorativamente, a uma forma de barulho, remetendo-a para a Natureza. Mesmo o menos dotado dos ouvintes, escutando Mozart ou Beethoven, se tocado por essa emoção pura, a nenhuma outra parecida, sabe que esses sons, essa voz sem voz e além de toda a voz humana, não procede da Natureza, não é natureza que se exprime, como o vento ou o canto dos pássaros, mas o que chamamos alma sem saber o que dizemos e unicamente na “música” e como música ouvimos o indizível de nós, e com ele, ao mesmo tempo, o indizível do mundo. Talvez, na origem, a música tenha sido uma, entre outras, das formas imitativas (a começar, naturalmente, pela linguagem) com que o homem, pura exterioridade, constitui o espaço virtual e irreal da sua mítica interioridade. A imitação dos trinados da floresta, a percussão, para efeitos cinérgicos ou rítmicos, do tambor ou címbalos, estiveram modestamente na origem dessa lenta e ininterrupta invenção de constru-

ções sonoras cada vez mais complexas e exigentes que se foram impondo como um mundo à parte, com a sua tradição e luta contra ela que chamamos “música”. Pouco a pouco essa técnica, como expressão do inexpresso da humanidade, como sentimento, quer dizer, lugar do entusiasmo, de sofrimento, de paixão, de sonho, converteram essa primeira expressão da nossa alma em invenção voluntária de todos os paraísos e, antes de mais, desse, de onde só miticamente fomos expulsos. A pirâmide, palácio, o templo, como a mais primitiva cabana, foram inventadas para fins nobres, mas sempre úteis, práticos. Em parte a arte de onde a música digna desse nome nasceu também terá nascido assim, ao serviço dos “deuses” que são expressão de Desejo humano apenas transfigurado. Um dia, Kant atribuía à essência da Arte, em geral, o seu carácter da “finalidade” sem fim, e seria petulante contestá-lo. A nenhuma expressão artística convém mais essa célebre descrição que à Música. E por isso mesmo Schopenhauer, o seu discípulo, o primeiro que realmente se interessou, e maravilhosamente “situou”, o lugar da Música na construção do homem por si mesmo, fez dela a “essência de todas as artes”, a única finalidade sem fim, capaz de nos subtrair, por isso mesmo, ao “em si” do Mundo, em suma, ao Mundo como pura Vontade cega e sem finalidade. É pouco mais há a dizer sobre a música que Schopenhauer o não tenha dito.

Talvez apenas, e não será pouco, que essa espécie de função angélica da Música (ou angelizante) é o único bálsamo que os homens inventaram para ouvir a voz de Deus que talvez lhes fale mas os não consola e que mesmo o coro dos anjos não inventou. Inventaram-na os Bach e os Mozart por eles. Sem esse suplemento sonoro, as vozes da criação – entre elas a nossa discordante – o Mundo seria apenas aquela floresta obscura, às vezes tenebrosa, que Dante evoca nos primeiros versos da *Divina Comédia*. Através da Música não só nos re-apropriamos das delícias supostas do Paraíso perdido, mas inventamos para ele caminhos que a sua perfeição dispensava, a que a nossa imaginação recorre para ascender de novo a esses céus que nem nos lembrariam se Bach e os seus émulos não nos construísem com as suas notas a única escada de Jacob plantada no nosso coração para iluminar a vida.

Vence, 18 de Outubro 2006

